Um Sermão em Valença, comemorativo da segunda «restauração» das Províncias do Norte de Portugal, em 1809

Os monges beneditinos, de cuja comunidade fazia parte o autor deste sermão, sempre se preocuparam com a cultura dominante. A clausura monástica não impedia que estes monges acompanhassem os acontecimentos nacionais e internacionais e que fomentassem o estudo e a cultura em geral. Não é por isso de estranhar que os beneditinos portugueses tivessem seguido e vivido o movimento cultural das «luzes». Cite-se a título de exemplo Fr. Joaquim de Santa Clara Brandão e Fr. Francisco de S. Luís ¹.

Ambos movidos por curiosidade intelectual estudaram no sentido de manterem actualizadas as suas concepções filosóficas e científicas e a cultura da sua própria comunidade, ao mesmo tempo que, socialmente, iam esclarecendo os cidadãos e «instituinto uma espécie de congregação de amigos do saber, pronta a difundir os corolários da ilustração». As suas bibliotecas adquiriram «obras periódicas» de informação cultural, compraram livros de humanidades, filosofia, teologia e os novos compêndios utilizados nas bibliotecas reformadas da Europa ². Havia monges que liam o *Mercur*, de Paris, e o *Courier*, de Londres, e não faltava nas suas estantes a «Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des

¹ RAMOS, Luís A. de Oliveira - *Os monges e os livros no século XVIII: o exemplo da biblioteca de Tibães. «Sob o signo das Luzes»*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988, p. 120-121.

² *Ibidem*.

Sciences, des Arts et des Métiers»³. E tinham bibliotecas como a do colégio de Coimbra e do colégio da Estrela de Lisboa que estavam abertas aos sábados para que os «amigos do saber» a ela pudessem acorrer.

Entre estes mosteiros da cidade e os mosteiros rurais, situados maioritariamente na região de Entre-Douro-e-Minho, havia uma nítida diferença de atitudes. Enquanto que uns eram progressistas e liberais, os seus membros sócios da Academia Real das Ciências de Lisboa e participantes em tertúlias e em debates de gente culta, os outros eram conservadores e absolutistas⁴.

Para diminuir o isolamento destes mosteiros e fomentar a circulação de novas ideias foi obrigatório cada mosteiro redigir um dietário, contendo notícias dos principais acontecimentos de índole científica, cultural e política, bem como foi-lhes aconselhado a assinatura de gazetas nacionais e estrangeiras⁵. Entre os poucos que existem⁶, conta-se o de Ganfei. Este não faz qualquer alusão à revolução francesa, tal como os outros, mas enquanto os dietários dos outros mosteiros aludem a Napoleão, enaltecendo-o, antes das invasões, o de Ganfei nada diz e de referência aos franceses só a notícia do incêndio do mosteiro provocada pelos mesmos⁷.

Após as invasões francesas a literatura produzida pelos beneditinos muda de tom. Napoleão passa de figura enaltecida nos Dietários a «Besta do Apocalipse», pois os efeitos das invasões foram de tal maneira nefastos que deixaram sequelas difíceis de esquecer. Daí que o clero de início cooperante por achar mais aconselhável para manter a ordem e para evitar sacrilégios, aos primeiros sinais de revolta junta-se aos populares sendo ele muitas vezes o aglutinador dos descontentes⁸. Por todo o país começavam

³ DIAS, Geraldo J. A Coelho - *Os beneditinos portugueses e as sequelas da revolução francesa na «Arcádia Tibanense»*. In COLÓQUIO «A RECEPÇÃO DA REVOLUÇÃO FRANCESA EM PORTUGAL E NO BRASIL» - *Actas*. Vol. 2, p. 153. Separata.

⁴ DIAS - *Os beneditinos*, p. 152.

⁵ RAMOS - *Os monges*, p. 123.

⁶ Existem somente Dietários de Lisboa, Tibães e Rendufe. Cf. DIAS - *Os beneditinos*, p. 153 e ss.

⁷ SILVA, Célia Maria Taborda da - *O mosteiro de Ganfei: Propriedade, produção e Rendas no Antigo Regime (1629-1683 e 1716-1822)*. Lisboa: Fragmentos, 1994, p. 19.

⁸ MARQUES, João Francisco - *O clero nortenho e as invasões francesas: patriotismo e resistência nacional*. Revista de História. 1989, 9, p. 168 e ss.

a surgir levantamentos populares mas foi no Norte que se desencadearam os primeiros motins. A «restauração» começada no Porto, apesar de sufocada, nem por isso deixou de se estender a todo o Minho, Douro, Trás-os-Montes e Beiras, e por todos estes lados se ouviam «vivas ao Príncipe Regente e morras ao invasor»⁹ e de tal forma agia a multidão que não era detida por nenhum exército, porque além do patriotismo a animava o fervor religioso, sem dúvida, alimentado pela acção clerical¹⁰. Este empenho fazia-os combater de qualquer forma, como refere Frei Joaquim Soares:

«marchou o clero regular, e secular... já empunhando as armas, já pregando para animar os povos, ... partio a Nobreza, e Povo, e inda que todos mal armados, pois levavão poucas espingardas, pouca polvora, e bala, e os de mais levavão páos, e espadas, chuços, forcados, e até espetos, fracas armas para se medirem com huma tropa agerrida, disciplinada, e abundantemente provida de munições de guerra; todavia o amor do Principe, e defeza da Religião, e da Pátria, e o ódio que tinham aos francezes, não só lhe dava valor, e entusiasmo, mas até azas para voarem até elles»¹¹.

É dentro deste contexto de animosidade geral contra Napoleão e os franceses que se inscreve o sermão que Fr. Mattheus D'Assumpção Brandão escreveu e pregou no dia 13 de Junho de 1809.

Fr. Mattheus nasceu em Valença, era monge beneditino, e como muitos dos seus «irmãos» de ordem também ele era um homem culto. Era Doutor em teologia, pregador régio, e sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa¹². Entre os seus vários

⁹ VALENTE, Vasco Pulido - *A revolta «política» contra o invasor francês e a revolta «social» contra os «grandes»*. In *TENTAR Perceber*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983, p. 14. A este respeito das invasões veja-se NEVES, José Acúrsio das - *História Geral das Invasões Francesas em Portugal e da Restauração deste Reino*. Porto: Afrontamento, 1981.

¹⁰ MARQUES - *O clero nortenho*, p. 167 e ss.

¹¹ SOARES, Joaquim, Fr. - *Compendio historico dos acontecimentos mais celebres, motivados pela revolução de França, e principalmente desde a entrada dos Francezes em Portugal até a segunda restauração deste, e gloriosa aclamação do Principe Regente o serenissimo senhor D. João VI*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1808, p. 38, 39.

¹² Entre outras actividades. Cf. SILVA, Inocência da - *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, p. 162.

sermões conta-se este «Sermão de Acção de Graças pela segunda Restauração das Províncias do Norte de Portugal»¹³, pregado em Valença no dia de Santo António, e que foi oferecido pelo autor ao Príncipe Regente.

A sermonária é de grande importância como fonte histórica, uma vez que reflecte o quotidiano da comunidade a que se dirige. Além disso o seu interesse é tanto maior quanto o púlpito era um meio privilegiado de comunicação social a nível de massas¹⁴. Aí havia uma certa liberdade que não existia noutros locais, segundo Hernâni Cidade o que não se pudesse dizer no púlpito só «no pasquim clandestino afixado no muro ou à porta da igreja encontrava meio de momentânea, explosiva expansão»¹⁵.

Era nas celebrações do calendário litúrgico que com mais frequência se recorria ao sermão, como meio para em momentos de alegria ou terror, se agradecer e solicitar o auxílio divino. A realidade quotidiana não deixava de se manifestar, daí que a tendência de muitos deles era para reflectirem problemas e matéria profanas, revelando nítida ou subtilmente preocupações políticas mais manifestas em períodos de crise¹⁶.

Os pregadores usavam de todos os artificios para prenderem a atenção do auditório, utilizando muitos gestos teatrais. É claro que se queriam convencer e mover as pessoas precisavam de se expressar ao nível da mentalidade dos ouvintes, daí lançar mão de toda a retórica em que o gesto e a voz tem primordial importância. Veja-se o caso deste nosso pregador que numa passagem do seu discurso escreveu «Oh Horror... Oh Maldade... A mão me treme... as expressões me faltão...»¹⁷, só estas palavras dão para imaginar o tom de voz enfatizado com que devem ter sido proferidas juntamente com gestos muito teatrais. Mas era neste invólucro que residia a grande força persuasiva do sermão, quantas

¹³ BRANDÃO, Matheus da Assumpção - *Sermão de Acção de Graças pela segunda Restauração das Províncias do Norte de Portugal*. Lisboa: Imprensa Regia, 1813.

¹⁴ MARQUES, João Francisco - *A problemática da Parenética da Restauração: um sermão no Porto comemorativo da batalha de Montes Claros*. Revista de História. 1979, 2, p. 5-6. Separata.

¹⁵ *Ibidem*, p. 6, nota 4.

¹⁶ IDEM - *A Parenética portuguesa e a Restauração*. 1º vol. Porto: FLUP, 1983, p. 17.

¹⁷ BRANDÃO - *Sermão*, p. 13.

vezes mais do que no seu conteúdo¹⁸. O recurso a estes e outros artificios de retórica era exageradamente utilizado nos séculos XVII e XVIII levando Luís António Verney a tecer duras críticas no seu *Verdadeiro Método de Estudar* aos pregadores que querendo ser eloquentes «procuram de ser mui affectados nas suas palavras, mui singulares nas ideias, e mui fora de propósito nas applicações»¹⁹. Os Oratorianos convencidos de que assim não chegavam à audiência, pois para se utilizar aqueles métodos ou se era um grande pregador, com muita retórica, ou os resultados eram catastróficos, desde cedo renunciaram à teatralidade, e à gesticulação excessiva e espectacular, optando por uma pregação mais simples e moderada, que fugia à ostentação²⁰. Nestes sermões de acção de graças pela «restauração» de Portugal utilizam-se alguns artificios de retórica mas o momento era propiciador desse tipo de empolamentos.

Como estruturou Fr. Matheus da Assumpção este sermão? Dividiu-o em duas partes, fazendo primeiro uma introdução, que começa com uma interrogação, uma espécie de confissão colectiva de pecadores, que termina com uma louvação.

«Ainda (Supremo Deos e Senhor Sacramentado!) ainda vos dignaes admittir-nos á vossa Augusta Presença, e consentir que vos adoremos sobre esse Altar? Ainda vos dignaes ouvir nossos votos, e súplicas? Nem a violenta impiedade dos nossos inimigos; nem a enorme multidão dos nossos peccados forão bastantes para que escondesseis de nós para sempre a vossa benigna face?... Quão ineffavel he, ó Deos Eterno, a vossa Misericordia, e Providencia! Quão prodigiosa, e singular a vossa ventura!... Eu vos louvo, ó Grande Deos! reverente, e agradecido eu vos adoro»²¹.

Em seguida incita os cristãos a louvarem a Deus porque se dignou ouvir as preces dos portugueses, e os libertou do jugo

¹⁸ MARQUES, João Francisco - *A Parenética portuguesa e a dominação filipina*. Porto: FLUP, 1980, p. 7.

¹⁹ VERNEY, Luís António - *Verdadeiro Método de Estudar*. 2º vol. Lisboa: Sá da Costa, 1950, p. 9.

²⁰ SANTOS, Eugénio dos - *O Oratório no Norte de Portugal: Contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: INIC, 1982, p. 278.

²¹ BRANDÃO - *Sermão*, p. 5.

francês, «cessou essa pavorosa tormenta, que tanto ameaçava nossa Religião, nossas vidas, e propriedades: findou a tyrannia Franceza; desapareceu; dissipou-se!»²². Este facto memorável só podia, segundo o pregador, ser obra de Deus, pois, diz ele, como podíamos nós, «vencermos exercitos que se proclamavam invencíveis»²³ primeira e segunda vez.

Prossegue a sua introdução comparando a história da nossa nação com a do povo judaico. Desde sempre Deus favoreceu este povo, mas quando o queria castigar «armava contra elle victoriosos e crueis conquistadores»²⁴, e para o confortar fazia o contrário. Conclui por fim que a semelhança de acontecimentos explica o que nos aconteceu. Como o sermão foi pregado no dia de Santo António não deixa de fazer alusão ao facto, dizendo que o povo o considerava medianoiro dos portugueses junto de Deus, opinião que o nosso pregador corrobora, mas não deixa de advertir que é a Deus que devem adorar. Contudo, no meio destes louvores à Divindade não deixa de enaltecer a acção heróica dos portugueses na defesa da religião, da pátria e do rei.

Aquando da primeira invasão o povo combateu com destreza o inimigo opressor²⁵, uma segunda vez retornam e sucedem-se as arbitrariedades, só que nesta segunda invasão as populações depressa se mobilizaram e dificultaram a progressão do invasor que, não obstante, ainda conseguiu chegar ao Porto²⁶.

Na primeira parte vai demonstrar que foram os pecados da nossa nação que levou a Divina Providência a armar Napoleão contra nós, para nos castigar. Vai provar o que disse servindo-se das sagradas escrituras.

Começa por reconhecer que Napoleão fez coisas espantosas, mas isso só prova que ele foi um instrumento utilizado pela justiça divina, prova-o com a semelhança que a sua acção teve com

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*, p. 6.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Veja-se a obra VITORINO, Pedro - *O grito da Independência em 1808*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

²⁶ ARAÚJO, Ana Cristina Bartolomeu de - *As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais*. In *HISTÓRIA de Portugal*. Dir. de José Mattoso. 5º vol., p. 38-39.

a de outros conquistadores, que serviram para atormentar outros povos, de que nos falam as escrituras. Assim, identifica a actuação de Napoleão com a que teve Nabucodonosor invadindo o reino de Judá.

Chegados a este ponto ele vai elucidar os ouvintes quanto a esta similitude de acontecimentos. Na época em que Nabucodonosor apareceu a castigar a nação judaica, muitos crimes e vícios dominavam os seus habitantes: «a brutal sensualidade, a escandalosa libertinagem, os assassinos, os roubos, as trapaças, a embriaguez, a perfídia»²⁷, além da idolatria. Ora, considerava o nosso pregador que todos estes crimes se viam no nosso país e multiplicados quase ao infinito, excepto o da idolatria que foi substituído pelo ateísmo²⁸. Estes pecados fizeram recair a ira divina sobre o povo judeu, daí que Nabucodonosor II, rei dos Assírios, terá sido destinado por Deus para os castigar. Conquista a Arábia, o Egipto, a Espanha e Síria, submetendo e destruindo os seus habitantes, e isto por três vezes, aumentando a sua crueldade de cada invasão. Assim fez Napoleão, já por duas vezes entrara em Portugal, redobrando as atrocidades nesta segunda. Lembra aqui que tudo o que os habitantes de Leiria, Beja e Évora sofreram na primeira invasão é «apenas huma sombra das horrorosas scenas, que neste anno se virão na Provincia de Entre-Douro-e-Minho, e sobre tudo na opulenta cidade do Porto»²⁹. No dia 29 de Março, Soult entrou com o seu exército nesta cidade, muita gente já tinha abandonado a cidade mas quando entrou a cavalaria francesa a ferir e a matar foi uma debandada trágica, embora muita gente tenha ficado e resistia ao invasor, até mulheres lutavam de espingardas em punho, o inimigo é que não se compadeceu nem dos mais «inofensivos populares»³⁰. Fr. Mattheus relata os resultados dessa passagem:

«Templos, e Santuários roubados com o maior descaramento e impiedade; sagrados vasos applicados a usos os mais indecentes, e profanos; mosteiros invadidos à mão armada; virgens, consa-

²⁷ BRANDÃO - *Sermão*, p. 12.

²⁸ *Ibidem*, p. 13.

²⁹ *Ibidem*, p. 16-17.

³⁰ BASTO, Artur de Magalhães - *1809: O Porto sob a segunda invasão francesa*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1926, p. 35.

gradas a Deos, soffrendo insultos violentos, ou pagando com a innocente vida sua fidelidade em cumprir seus votos; venerandas imagens (ó horror!) ardendo em hum fogo soprado pela mais infernal impiedade; as Sagradas Formulas... O Pão Eucharistico... Vosso Corpo e Sangue... (Ó Deos Sacramentado! Permitti que eu o diga)... Vosso Corpo e Sangue soffrendo mais do que na mesma Cruz!... Pisado aos pés desses monstros, desses execrandos abortos da especie humana!!!»³¹.

Continua a narração dos horrores que nesse dia 29 de Março aconteceram no Porto com a queda da ponte, centenas de mortos, sangue, gritos de dor, e lágrimas³².

Incita depois desta descrição terrífica os ouvintes a redimirem-se dos seus pecados para evitarem uma terceira invasão, que aconteceria como aconteceu em Jerusalém se a justiça Divina não fosse aplacada. Faz aqui uma breve alusão à revolução Francesa criticando-a, afirma mesmo que em nome da liberdade e da igualdade se cometeram muitos excessos³³. Por isso devem ter a fé bem presente, pois é a única luz, avisando-os para não se deixarem enganar por sofismas, só a Providência do Altíssimo tudo dispõe e determina³⁴.

Na segunda parte vai mostrar que as outras nações também sofreram os flagelos de Napoleão e como a portuguesa foi favorecida.

Começa por realçar a velocidade com que nos libertamos dos franceses «em hum momento, quasi, da escravidão passamos à liberdade, do pranto ao riso, e de vencidos a vencedores, em hum momento, quasi, a espada do terror passou das mãos de Soult às do triunphante Wellesley»³⁵. Congratula-se pela celeridade com que a Restauração de Portugal foi feita, e pela alegria geral que ela causou, uma vez que não era esperada, nem pela parte dos oprimidos nem dos opressores.

³¹ BRANDÃO - *Sermão*, p. 17.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*, p. 19.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*, p. 21.

As lisonjas de Soult em firmar em Portugal um trono para Napoleão goraram-se em menos de nada, mal sabe da ajuda inglesa ao Porto, onde se encontrava, fuge: «abandona sua reputação militar; abandona as grandes riquezas, que tinha roubado; abandona suas bagagens, enfermos e armas»³⁶. E assim vimos restaurada a nossa independência, religião e governo. Quem senão Deus poderia conceder-nos tão rápido triunfo? Pergunta Fr. Matheus, e continua, o valor das nossas tropas, por si só, não era suficiente para produzir resultado tão eficaz. Nações mais poderosas com outros meios de defesa, não o conseguiram, e não porque eles tivessem mais culpas ou costumes mais perniciosos. A Divina Providência com a sua infinita Misericórdia quis favorecer-nos, por isso lhe eram devidos todos os louvores³⁷. É certo que os desígnios de Deus são difíceis de entender, porque beneficia a uns e aflige a outros? É um segredo vedado ao homem, mas foi isso que nos aconteceu, as nossas súplicas e intercessão dos santos, merecera de Deus compaixão por nós. E aqui alude mais uma vez à influência de Santo António em nosso favor. Tudo isto é motivo para constantes oblações à Divindade.

A nossa segunda restauração é tão mais fantástica, quanto a nossa situação económica e moral era lamentável. Por causa da primeira invasão estávamos com um grande déficit de dinheiros e de tropas, mas a ajuda inglesa e a afoiteza dos nossos homens, protegidos por Deus, derrotaram o inimigo uma primeira vez, e de novo conseguimos que as perdas sucessivas em derrotas consecutivas os afugentassem. Relembra neste ponto do sermão, o revés que o exército de Soult experimentou quando quis atravessar o rio Minho junto ao Camarido. Diz o pregador que o «soberbo» Soult à frente de 15.000 homens teve de retroceder nessa passagem. Soult tinha feito embarcar 500 franceses em 27 barcos, perecendo 26 no meio do rio. Para tal contribuiu a grande enchente do rio Minho, assim como os tiros de canhão que as nossas tropas disparavam do Forte da Insua. O barco que escapou trazia um capitão e 37 homens, que foram imediatamente aprí-

³⁶ *Ibidem*, p. 22.

³⁷ *Ibidem*, p. 23.

sionados. Este incidente fez retroceder Soult e todo o exército, resolvendo entrar em Portugal por Chaves ³⁸.

Estes prodígios servem para Frei Mattheus reforçar a sua tese providencialista da história e, como tal, não podia deixar de vaticinar um destino trágico a Napoleão como aconteceu com Nabucodonosor, que perdeu a razão, ficou sozinho e sem o seu vasto império. Ora Napoleão sendo tanto ou mais criminoso que todos os outros conquistadores da história, teria um destino idêntico ao dos outros. Assim sendo anima Fr. Mattheus os seus ouvintes a não temer Napoleão pois «mortais convulsões atormentão já o moribundo dragão da Córsega: sua final dissolução não tardará» ³⁹.

Mais uma vez enaltece a acção valente do povo português, comparável à de outros homens ilustres da nossa história: D. Nuno Álvares Pereira, Vasco da Gama, João Pinto Ribeiro e D. Rodrigo da Cunha ⁴⁰. Enaltece a força da religião dos portugueses e do seu Príncipe virtuoso que a «ama e protege» ⁴¹. Em contraposição crítica os filósofos que semearam nas outras nações as «perniciosas armas» deles, e crítica os soberanos que se deixaram influenciar pelas ideias iluminadas e pelo filosofismo e como tal depressa sucumbiram ao mais leve sopro de ambição do tirano, ao passo que Portugal triunfou ⁴². Adverte contudo a audiência a permanecer atenta pois «a nossa crise actual demanda contínuos sacrifícios e esforços, a tranquilidade de que gozamos ainda não está de todo firme e consolidada» ⁴³. Aconselha-os, por isso, a reformar os costumes e a agirem de acordo com a «Santa Religião» ⁴⁴. E prossegue «sêde verdadeiros catholicos, sereis bons cidadãos: sêde virtuosos, e sereis felizes» ⁴⁵.

Termina o sermão pedindo a Deus a consolidação da «restauração» que naquele dia celebravam.

³⁸ *Ibidem*, p. 26.

³⁹ *Ibidem*, p. 31.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 32.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *Ibidem*.

Em suma: este sermão insere-se na mesma linha dos muitos que se escreveram na época ⁴⁶ e que veiculam ideias anti-liberais, em favor da monarquia absoluta, pondo-se ao serviço do Trono, reiterando a sua ancestral ligação ao altar.

O pregador como pessoa envolvida nos acontecimentos da época não consegue despolitizar o seu discurso, até porque é uma maneira de realçar o providencialismo divino na vida humana, daí ter sido nota dominante ao longo deste sermão o binómio passado-presente.

É um texto extenso, ultrapassaria em muito uma hora de pregação, por isso talvez não tenha sido lido na íntegra até porque a audiência que terá tido em Valença não seria das mais cultas e eruditas, aliás, nota-se que é um sermão muito circunstancial e específico. A publicação do texto, ultrapassando largamente o espaço geográfico em que foi proferido, possibilitou uma outra divulgação, logo maior difusão do seu pensamento. Era a sua forma de lutar contra as perniciosas ideias saídas da revolução francesa.

Veicula-se neste sermão: o ataque à impiedade, o apelo à penitência, ao arrependimento e à morigeração de costumes. Uma constante preocupação em demonstrar a indivisibilidade entre o Trono e o Altar, as consequências nefastas do filosofismo e o sucesso momentâneo do imperialismo napoleónico.

Fr. Mattheus e os muitos adeptos do absolutismo monárquico viram os seus projectos gorados em 1834, por essa razão ele vê-se forçado a abandonar o país. Morreu em Roma em Outubro de 1837.

CÉLIA TABORDA

⁴⁶ Veja-se o exemplo do padre José Agostinho de Macedo. MARQUES, João Francisco - *A revolução francesa e as invasões francesas no sermão do padre José Agostinho de Macedo*. In *ESTUDOS de História Contemporânea*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991, p. 145-161.